

Eixo temático: Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano

Categoria de Pesquisa: com resultados parciais.

SEXTING E CYBERBULLYING: um estudo acerca da violência sofrida por mulheres que vivenciaram a exposição de seus conteúdos íntimos nas redes sociais

SILVA, Giovanna Dos Santos

UNESP/IBILCE

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

BRANCALEONI, Ana Paula Leivar

UNESP/Jaboticabal

e-mail: giovanna.s.silva@unesp.br

e-mail: ana.brancaleoni@unesp.br

Resumo

As formas de comunicação se tornaram facilitadas com a criação das redes sociais, possibilitando a troca de mensagens de texto, fotos e vídeos de modo instantâneo, assim se originou a prática do sexting, que implica no envio de conteúdos de cunho sexual. No entanto, esta prática traz risco principalmente às mulheres. Em uma cultura ainda marcada pelo patriarcado, o sexting se tornou um elemento que também pode compor o cyberbullying, violência que implica na divulgação destes conteúdos. Este estudo objetiva compreender possíveis impactos e prejuízos emocionais e sociais enfrentados por mulheres que sofreram com exposição de fotos e/ou vídeos de nudez e elencar elementos que possam compor produto educacional acerca da educação sexual e orientação sobre cuidados nas relações em ambiente virtual para mulheres e docentes. E especificamente, identificar as relações que estabeleciam com a prática do *sexting* e conhecimentos acerca de proteções cabíveis em relação a essas práticas e em relacionamento mediados pela virtualidade. Este estudo qualitativo do tipo exploratório e descritivo se faz por meio de uma entrevista semiestruturada com 20 mulheres que sofreram exposição de suas fotos e/ou vídeos na internet. As entrevistas são gravadas por meio de um aparelho celular e integralmente transcritas. Os dados são analisados a partir da análise textual discursiva, por meio do qual os conteúdos serão unitarizados, categorizados e interpretados a partir dos referenciais teóricos escolhidos para problematizar os danos da exposição da intimidade propiciado pela troca de sextings e construções de gênero que agravam os efeitos da violência. Desta forma, elucidar os impactos dessa violência na vida das mulheres se faz essencial, podendo servir para futuros pesquisadores e estudos.

Palavras-chave: Exposição da Intimidade; Violência; Mulher.

Abstract

The forms of communication became easier with the creation of social networks, allowing the instantaneous exchange of text messages, photos and videos, thus originating the practice of sexting, which involves sending sexual content. However, this practice brings risk mainly to women. In a culture still marked by patriarchy, sexting has become an element that can also compose cyberbullying, violence that implies the dissemination of these contents. This study aims to understand possible impacts and emotional and social damages faced by women who have suffered exposure to nude photos and/or videos and to list elements that may compose an educational product about sex education and guidance on care in relationships in a virtual environment for women and men. teachers. And specifically, to identify the relationships they established with the practice of sexting and knowledge about appropriate protections in relation to these practices and in relationships mediated by virtuality. This qualitative, exploratory and descriptive study is carried out through a semi-structured interview with 20 women who suffered exposure of their photos and/or videos on the internet. The interviews are recorded using a cell phone and fully transcribed. The data are analyzed from the discursive textual analysis, through which the contents will be unitarized, categorized and interpreted from the theoretical references chosen to problematize the damages of the exposure of the intimacy propitiated by the exchange of sextings and gender constructions that aggravate the effects of violence. Thus, elucidating the impacts of this violence on women's lives is essential, and may serve for future researchers and studies.

Keywords: Exposure of Intimacy; Violence; Woman.

Introdução

Mudanças profundas no âmbito social ocorrem com o avanço das tecnologias de comunicação, de modo que essas impactam diretamente a vida das pessoas que possuem contato com a internet devido ao acesso a diversos conteúdos, contato com pessoas que estão distantes, relacionamentos virtuais, que, conseqüentemente, modificam as concepções de mundo e comunidade. (SOUZA; LORDELLO, 2020)

Os progressos tecnológicos possibilitaram acessos aos mais variados tipos de equipamentos como celulares, tablets e smartphones que permitem aos usuários as trocas de fotos, vídeos, músicas e mensagens de texto de forma instantânea e frequente em diferentes classes sociais, com isso, favoreceu que a utilização de dispositivos móveis com acesso à internet fosse rapidamente disseminada, impactando a população que lança mão desses recursos, sobretudo adolescentes, jovens e adultos. Deste modo, a tecnologia se tornou uma importante ferramenta para iniciar relacionamentos afetivos e manter relacionamentos sexuais por meio da prática do *sexting* que se tornou comum entre os jovens para conduzir relacionamentos, seja de forma efêmera ou consolidada. (SOUZA; LORDELLO, 2020).

A origem do termo *sexting* se deu no século XXI nos Estados Unidos da América (BARROS; RIBEIRO; QUADRADO, 2015) e está atrelado ao desenvolvimento tecnológico das telecomunicações e na forma como os indivíduos se relacionam com as novas mídias (MACHADO; PEREIRA, 2013). Esse fenômeno se caracteriza pelo envio de fotos do corpo

totalmente nu e/ou seminú, popularmente denominado como “nudes”, vídeos e mensagens de textos com conteúdos sexuais. Esse termo possui a junção da palavra *sex*, que significa sexo, com a expressão *texting*, que diz respeito a mensagens de textos autoproduzidas de ordem sexual (SOUZA; LORDELLO, 2020) e está ligado a conquista e sedução de parceiros, vivência de novas sensações e prazeres, o estreitamento entre o privado e público, adquirir visibilidade e novos modos de manifestação da sexualidade. (BARROS; RIBEIRO; QUADRADO, 2015)

As pessoas que lançam mão do *sexting* enviam suas fotos e/ou vídeos sem a coação de terceiros e a intenção é que seja um material privado que somente é permitido somente àqueles que são considerados contatos íntimos (WANZINACK; SCREMIN, 2014). Apesar das facilidades que a internet e uso de redes sociais propiciam, a utilização mal intencionada acarreta em diversos prejuízos aos usuários e envolvidos, principalmente ao público feminino. Desta forma, a prática do *sexting* torna-se perigosa, uma vez que passa a ser um importante elemento para o fenômeno do *cyberbullying*, violência típica do mundo contemporâneo.

Este fenômeno é caracterizado pela exposição, ridicularização, humilhação, ameaças e/ou condutas mal-intencionadas direcionadas à mulher. Essa violência repercute de forma negativa na vida das vítimas, pois além de violar seus direitos previstos na Constituição Federal de 1988, propicia impactos psicológicos e sociais às mesmas. (CALLOU ET AL., 2020). A violação da intimidade prevista na Lei Maria da Penha nº 11.340/06 ocorre por meio de divulgação não autorizada de conteúdos privados e íntimos, como cenas de nudez, atos sexuais ou libidinosos. (BRASIL, 2006).

Estudos apontam que há uma diferença entre os gêneros no envio de *sextings*, sendo que mulheres possuem maior tendência para o envio de fotografias de ordem sexual e homens para a publicação desses conteúdos indevidamente. (WALKER; SANCI; TEMPLE-SMITH, 2013). Além disso, o público masculino julga as mulheres que praticam o *sexting* como oferecidas e inseguras, todavia, as mulheres afirmam que se sentem pressionadas por parte dos rapazes para enviarem fotos íntimas. (LIPPMAN; CAMPBELL, 2014)

No que concerne maior vulnerabilidade do público feminino ser alvo da exposição de conteúdos íntimos, compreende-se que este fenômeno possui raízes históricas. Para Tiburi (2019) o patriarcado é uma estrutura de poder que organiza o meio social e tem como premissa privilegiar o homem quanto a sua masculinidade, fazendo com que a mulher seja desfavorecida e suscetível às situações de violência. Com esse alicerce, deu-se as construções culturais dos gêneros, que se trata da “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75) O termo gênero se refere às origens

sociais das identidades subjetivas, bem como categoria social imposta ao corpo sexuado. Para Scott (1995) a definição de gênero possui duas proposições e essas se conectam: “o gênero é um elemento que constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; e uma forma de dar significado às relações de poder” (p. 86)

A sociedade se desenvolveu por meio das relações de poder onde o sexismo como forma de discriminação entre o que é feminino ou masculino tornou-se um pilar que sustenta todas as práticas machistas que foram consolidadas e transmitidas no tempo e espaço. Atualmente, as formas de violência dirigidas à mulher ganham legitimidade e não precisam de justificção devido a resquícios de uma cultura androcêntrica que coloca o homem como o detentor do poder. Deste modo, ocorre a naturalização do poder masculino sobre a mulher, colocando-a como inferior, submissa, passível de dominação e violência. Sardenberg (2002) retrata que o corpo da mulher possui um conjunto de procedimentos e práticas sociais que manipulam, disciplinam, moldam de acordo com padrões socioculturais vigentes. Há uma divisão funcional entre o corpo do homem e da mulher que se encontra a serviço da sociedade, onde o corpo masculino possui maior liberdade e o da mulher é vigiado, com gradações de valor. Deste modo, o corpo é tomado como objeto e alvo de poder, para assim, manter as mulheres caladas, perpetuar o poder e a violência real e simbólica autorizada pelo patriarcado.

Ainda que avanços tenham acontecido, a cultura patriarcal continua infiltrada no meio social fazendo com que as formas de violência escancarem fortemente a objetificação do corpo da mulher, permitindo assim, no caso do cyberbullying, que indivíduos lancem mão da intimidade, do corpo do outro e façam disso artigo de revolta, retaliação, vingança.

A par dessa problemática, essa pesquisa de mestrado em andamento objetiva compreender possíveis impactos e prejuízos emocionais e sociais enfrentados por mulheres que sofreram com exposição de fotos e/ou vídeos de nudez e elencar elementos que possam compor produto educacional acerca da educação sexual e orientação sobre cuidados nas relações em ambiente virtual para mulheres e docentes. E ainda - objetivo específico - identificar as relações que estabeleciam com a prática do *sexting* e conhecimentos acerca de proteções cabíveis em relação a essas práticas e em relacionamento mediados pela virtualidade.

Metodologia

Está sendo realizada uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória e descritiva com mulheres que foram vítimas de cyberbullying devido a exposição de fotos e/ou vídeos nas

redes sociais. Irão participar da pesquisa 20 mulheres com idade entre 18 a 55 anos. O projeto de pesquisa recebeu aprovação no dia 16 de março, 2023 - CAAE: 64889722.9.0000.9029 e encontra-se na fase de recrutamento das participantes e coleta de dados. O mesmo atende e cumprirá com os princípios enunciados na Resolução 466/2012 e 510/2016.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, representando o espaço das relações de modo mais aprofundado, os processos e fenômenos que não podem ser circunscritos à operacionalização de variáveis. Este método é adequado nos estudos da história, representações, valores, crenças, relações, percepções, atitudes, opiniões e interpretações que os indivíduos fazem sobre suas respectivas vidas, como constroem objetos e a si mesmos, como sentem e pensam. (MINAYO, 2002; 2008)

De acordo com Gil (2002) a pesquisa exploratória tem o objetivo de propiciar maior familiaridade com o problema, aprimorar a compreensão acerca do evento, tornar o fenômeno mais evidente, constituir hipóteses e descobrir novos dados. Esta pesquisa envolve o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que experienciaram o problema da pesquisa e análise de exemplos que impulsiona a compreensão. E ainda, a pesquisa descritiva possibilita a descrição das características de uma população, fenômeno ou a compreensão das relações entre as variáveis estudadas.

A investigação qualitativa envolve ricos elementos descritivos relativos a pessoas, conversas e locais que são recolhidos por meio de palavras, imagens e não números. Essas questões não podem ser operacionalizadas, mas podem ser formuladas com propósito de investigar toda a complexidade dos fenômenos. Investigadores da educação continuamente questionam os sujeitos da pesquisa de forma a perceber o modo como vivem, como interpretam suas vivências e estruturam o mundo social que estão inseridos. Com isso, estabelecem estratégias e procedimentos que permitem obter as experiências do ponto de vista do participante, incluem: transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorando entre outros registros. Deste modo, não é possível reduzir as narrativas a símbolos numéricos (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A pesquisa qualitativa responde questões particulares e se ocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificada, se aprofundando no universo dos significados das ações e relações humanas que se trata de um lado não perceptível e que não pode ser captado por equações, médias e estatísticas. (MINAYO, 2002)

O recrutamento está sendo realizado a partir de um convite em forma uma publicação nas redes sociais para grupos de WhatsApp, grupos de mulheres no Facebook, páginas destinadas às mulheres no Instagram, bem como foi enviado para profissionais de psicologia

que trabalham com mulheres e professores para divulgarem em suas redes.

Como critério de inclusão: mulheres que tiveram fotos e/ou vídeos de cunho sexual divulgados na internet/redes sociais por meio da troca de *sextings*; Exclusão: não participarão mulheres que sofreram com a divulgação não autorizada de fotos e/ou vídeos obtidos por meio de roubo ou furto, ou seja, invasão de contas de redes sociais, e-mails, aparelho celular e computadores.

Para coleta de dados está sendo utilizado uma entrevista semiestruturada com 18 perguntas. A entrevista é a estratégia mais utilizada no processo de obtenção dos dados, se faz rica e reveladora pois oportuniza a conversa face a face, compreender a subjetividade, a vida dos sujeitos participantes, fornece dados detalhados das crenças, valores, atitudes e motivações com relação aos atores sociais e contextos sociais específicos. Compreende-se que “a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos”. (MINAYO, 2008, p. 204)

Os relatos das participantes estão sendo gravados por um aparelho celular para posteriormente serem transcritos. Os materiais utilizados na pesquisa são: sulfites, telefone celular, caneta para anotações e termos de consentimento para serem entregues às participantes.

As entrevistas ocorrem de forma individual e presencial no consultório de psicologia da pesquisadora de modo a garantir o sigilo, confidencialidade, proteção e preservação da identidade. Os horários das entrevistas são agendados conforme a disponibilidade das participantes. Em caso da impossibilidade para a entrevista presencial, ocorre de forma online por meio da plataforma Google Meet. A duração da entrevista ocorre (em média) de 40 minutos a 60 minutos. Antes de iniciar as entrevistas é entregue o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para as participantes e pesquisa somente acontece mediante a concordância das cláusulas do termo e assinatura do mesmo.

Os dados das entrevistas serão tratados a partir da análise textual discursiva - uma metodologia de análise de conteúdos de natureza qualitativa que se ocupa com a produção de novas compreensões acerca dos fenômenos e discursos. Esse tipo de interpretação dos dados não tem a finalidade de testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las, mas pretende compreender, reconstruir conhecimentos existentes sobre o tema da investigação. (MORAES; GALIAZZI, 2020)

A análise textual discursiva possibilita a criação de espaço para reconstrução que envolve diversos elementos, em especial a compreensão dos modos de produção da ciência, bem como reconstruções acerca dos significados dos fenômenos a serem investigados. Essa

forma de análise possui três momentos: desmontagem do texto, que é o processo de desconstrução e unitarização; estabelecimento de relações se refere ao processo de categorização; captação do novo emergente que diz respeito a expressão das compreensões atingidas. (MORAES; GALIAZZI, 2020)

O primeiro movimento é promover a desorganização dos dados, ou seja, a unitarização do corpus. Neste processo o texto é examinado detalhadamente e suas partes são fragmentadas para produzir unidades constituintes, enunciados acerca do fenômeno investigado. Constitui um movimento de desconstrução dos materiais textuais que são retidos da pesquisa. O segundo ciclo é a categorização, um movimento intuitivo de reconstrução que envolve construir relações, combinar e classificar as unidades de base. Neste processo reúne os elementos unitários para formar conjuntos que possuem elementos proximais, resultando assim, os sistemas de categorização. O terceiro ciclo se refere a captação do novo, do surpreendente, inesperado, de explicitar novas compreensões atingidas na análise, ou seja, compreensão renovada do todo. Neste processo será realizada a construção de metatextos de acordo com o material analisado para evidenciar a combinação dos elementos construídos nas etapas anteriores. Nesse momento novos insights serão expressos em forma de linguagem de modo detalhado e profundo, ou seja, textos interpretativos. A partir desses três ciclos, resultará no processo de auto-organização, uma aprendizagem viva que irá gerar uma efetiva aprendizagem, um aprender auto-organizado possibilitando um novo conhecimento. (MORAES; GALIAZZI, 2020)

Resultados

Foram realizadas 6 entrevistas até o momento, e três dessas estão passando pelo processo de transcrição. Das entrevistas restantes emergiram 3 categorias: efeitos da divulgação; sexting e relacionamento com o autor da divulgação; o conhecimento sobre as formas de proteção cabíveis.

Quadro 1 – Categorias de análise

Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
1) Efeitos da divulgação	Repercussão. Impactos/prejuízos emocionais e sociais.	Reação com a divulgação. Violação. Ofensas, assédios, calúnia. Perda de apetite e peso.

		Dificuldades para dormir. Isolamento. A lida com o evento. Uso de medicamentos. Sentimentos negativos. Percepção de si após a divulgação. Pânico. Persecutoriedade. Prejuízos financeiros e acadêmicos.
2) Sexting e relacionamento com o autor da divulgação.		Envio de sexting. Autor da divulgação. Relacionamento. Subordinação. Dependência emocional. Violência. Motivação da divulgação. Troca de sexting após a divulgação. Medo da exposição.
3) O conhecimento sobre as formas de proteção cabíveis.	Processo de denúncia e efeitos da mesma.	Abertura de boletim de ocorrência. Ajuda profissional. Denunciar para a retirada do conteúdo.

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados coletados

O sujeito que expõe a intimidade do outro se sente intocável por entender que não será identificado, com isso, a promessa do anonimato propiciado pelo virtual faz com que este tipo de violência seja cada vez mais utilizada. Quando os conteúdos são lançados nas redes, passam por quatro fatores: a persistência, pesquisabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis. A persistência diz respeito aos conteúdos que ao serem colocados em alguma mídia social ficam contidos para alguma ação futura, seja por vontade ou não do usuário. A

pesquisabilidade está ligada às informações à disposição de quem procura, independentemente do tipo, data e utilizador, qualquer pessoa poderá pesquisar, encontrar e utilizar da forma que preferir. Já a replicabilidade se refere a tudo que for depositado na internet se tornará incontável, o qual poderá ser copiado e disseminado. E, por último, audiências invisíveis dizem respeito a tudo que for colocado na internet poderá ser visualizado, lido, interpretado, ouvido e comentado por indivíduos desconhecidos. Assim, os conteúdos que são disponibilizados na internet não poderão ser excluídos por estarem expostos a um infinito público, o qual poderá ser absorvido, propagado e alterado, consequentemente, irá proporcionar satisfação ao indivíduo que cometeu cyberbullying. (PINHEIRO, 2009)

Enviar conteúdos íntimos necessita minimamente de um vínculo de confiança, pois a mulher que expede fotos e/ou vídeos para um parceiro alimenta uma certeza que esses conteúdos não serão compartilhados com outrem, uma vez que os objetivos do envio são de agradar, retribuir, aumentar a autoestima e/ou ser aceita, e não do repasse e propagação desses. O indivíduo que expõe a intimidade da vítima não possui nenhuma consideração pela mesma, a desrespeita, a deprecia, viola seus direitos com total escárnio, desamor e desdém. Não se preocupa que a exposição dos conteúdos impactará negativamente a vida da mulher, causando grandes danos psicológicos à mesma. (PALAGE, 2018)

Na atualidade, a exposição da intimidade toma grandes proporções, pois com as redes sociais ao alcance de todos basta um click, uma postagem para que um significativo número de pessoas tome ciência do ocorrido e a vida da vítima mude para sempre. Depois que os conteúdos são lançados nas redes é impossível controlar as mãos, olhos e caminhos que essas informações irão percorrer. O sujeito que recebe fotos e/ou vídeos, pode reenviar para terceiros, que também podem encaminhar para outros indivíduos, assim, cria-se uma cadeia sucessória na qual o repasse se torna incontável e com potencial para viabilizar consequências emocionais, psicológicas e sociais à vítima. (PALAGE, 2018)

Para Guimarães e Pedroza (2015) a violência contra mulher caracteriza um problema de difícil solução na contemporaneidade e sua grande incidência tem levantado inúmeras discussões e preocupações no meio social. Sabe-se que condutas violentas dirigidas à mulher são uma problemática antiga, no entanto a sua gravidade só é colocada em pauta e ganha visibilidade política e social nos últimos 50 anos.

Ainda que essa violência seja própria do universo virtual não se caracteriza como menor em comparação às outras formas de violência que ocorrem fora do mesmo. Não se torna menos lesiva por não lançar mão do contato físico. Ao passo que uma compra virtual é

tão válida quanto uma presencial, uma mulher que experencia seus conteúdos íntimos expostos nas redes sociais sente a veracidade e severidade das consequências originadas desta violação refletidas em sua vida. (PALAGE, 2018). O fenômeno da violência desconhece qualquer fronteira de classe, tipos de cultura, desenvolvimento econômico. Pode ocorrer em qualquer momento da vida da mulher, em qualquer lugar e por qualquer um – estranhos, parentes e conhecidos. (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995)

A violência baseada no gênero se faz presente desde tempos imemoráveis, a qual encontra-se enraizada no meio social e se caracteriza um problema de saúde pública de grande magnitude afetando a qualidade de vida, o desenvolvimento, os direitos previstos na constituição, a integridade física e mental das vítimas. Saffioti e Almeida (1995) sem saúde não será possível aprimorar a educação intelectual e moral que são colunas mestras para o desenvolvimento voltado para o bem-estar de homens e mulheres.

A cultura proporciona limites perceptíveis a partir do discurso hegemônico e formas de repressão de diversas maneiras, bem como autoriza atrocidades quando o indivíduo escapa do “normal”, “esperado” socialmente. Para Patrocino (2022) na sociedade ocidental, a condenação histórica da sexualidade feminina foi propiciada pelo discurso religioso associado ao pecado e ao mal, possibilitando exclusão das mulheres que manifestaram sua sexualidade de forma inadequada frente aos costumes. Ainda, a expressão da sexualidade feminina acaba por ser aceita se sua manifestação for usada em proveito masculino, caso contrário, a mulher fica suscetível aos processos da dominação masculina.

Conclusão

A exposição não autorizada de conteúdos privados de mulheres se configura como uma violência de gênero - fortemente marcada pelas construções de papéis de gênero e relação de poder – e ganha potência devido a expansão da internet e redes sociais. A internet como “terra de ninguém” possibilita a intensificação da violência contra mulheres, e mais, no caso da divulgação não autorizada, dilata, transfigura e perdura.

Pelo viés de gênero, a mulher precisa atender às exigências culturais de comportamento - sucumbir uma identidade criada por meio dos moldes de uma heterossexualidade compulsória. Quando esta “desvirtua” da norma, dos bons costumes, fica passível de violência. Neste caso, ao praticar o *sexting* e ser exposta na internet, sofrerá retaliação da sociedade (represálias sobre o corpo e discriminação de valor e caráter da mulher, de quem ela é quando manifesta sua sexualidade) o que agravará os efeitos dessa violação. Na contramão disso, esse estudo visa canalizar as vozes de mulheres que foram

silenciadas pela exposição de suas intimidades, visto que, a norma torna a vivência perturbadora, que julga, rechaça, dissimula e desforma toda sua importância de ser discutida. E também orientar/ensinar maneiras mais sustentáveis para se relacionar na virtualidade, levando em conta cuidados possíveis para não serem identificadas ao praticarem o *sexting*. O propósito não é de reprimir a sexualidade, mas de propor uma maneira possível de manifestá-la, tendo em mente o menor prejuízo à mulher quando se fala de uma cultura essencialmente sexista.

Referências

BARROS, Suzana da Conceição; RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. Sexting na adolescência: problematizando seus efeitos no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n.3, p. 1185 – 1204, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n3p1185>

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei n.º 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.html

CALLOU, Regiane Clarice Macedo. et al. Cyberbullying e violência de gênero em jogos online. **Saúde e Pesquisa**, v. 14, n. 3, jul./set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2021v14n3e7920>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. Atlas: São Paulo, 2002.

LIPPMAN, J.R; CAMPBELL, S.W. damned if you do, damned if you don't...if you're a girl: relational and normative contexts of adolescent sexting in the United States. **Journal of Children and Media**, v. 8, n. 4, p. 371-386, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17482798.2014.923009>

MACHADO, Nealla Valentim; PEREIRA, Silvio da Costa. Sexting, mídia e as novas representações da sexualidade. **Intercom**, Manaus, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1134-1.pdf>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3ª ed. São Paulo: Editora Unijuí, 2020.

PALAGE, Maria Alice Lodi. **Direito à intimidade, sexting, e revenge porn**: a

autopercepção dos estudantes da IMED-PF em relação ao sexting e revenge porn e sua tutela pela instituição. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Direito), Faculdade Meridional IMED, Passo Fundo/RS, Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/MARIA%20ALICE%20LODI%20PALAGE.pdf>

PATROCINO, Laís Barbosa. Divulgação não autorizada de imagens íntimas: experiências de mulheres e de cuidados em saúde. 2022. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto René Rachou, Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, 2022.

PINHEIRO, L. O. **Cyberbullying em Portugal**: uma perspectiva sociológica. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal, 2009. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>

SOUZA, Lara; LORDELLO, Silvia Renata. Sexting e violência de gênero entre jovens: uma revisão integrativa de literatura. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3644>

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

WALKER, Shelley; SANCI, Lena; TEMPLE-SMITH, Meredith. Sexting: young women's and men's views on its nature and origins. **Journal of Adolescent Health**, v. 52, n. 6, abr. 2013. Disponível em: doi: 10.1016/j.jadohealth.2013.01.026

WANZINACK, Clóvis; SCREMIN, Sanderson Freitas. Sexting: comportamento e imagem do corpo. **Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v.7, n. 2, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/diver.v7i2.40715>